

## CAPÍTULO 6

# PROPOSTA DE TESTES EXPERIMENTAIS PARA ANÁLISE DA VARIAÇÃO CONSTRUCIONAL DE PREDICADOR COMPLEXO

Pâmela Fagundes Travassos (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

A proposta de trabalho aqui delineada visa a expor modelos de testes experimentais para análise da variação entre predicadores complexos com verbo suporte DAR. A seguir, encontramos exemplos dos predicadores complexos ligados à construção aqui sob análise:

[Verbo suporte **DAR** + [(determinante) + (modificador) **X-sufixo** (modificador)]SN]  
predicador complexo com verbo suporte – um estado de coisas

*Ex. (1): A fim de **dar um empurrãozinho** e fazer deslanchar de vez a imaginação dos leitores, o Rio Show bolou um guia com sugestões de dez programas*

*para dez circunstâncias em que é preciso, no mínimo, de uma dose dupla de criatividade. [PB, Jornal online, [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)]*

*Ex. (2): “A fila estava muito grande, fiquei quase meia hora esperando”, disse Isadora. “Pedi ao Armando [marido de Luiza] para me **dar uma forcinha**. Então passei na frente”. *Simples assim. [PB, Jornal online, [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)]**

*Ex. (3): E apesar de continuar morando em Campinas, quando a filha está no sufoco, corre para **dar uma mãozinha**. [PB, Jornal online, [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)]*

*Ex. (4): Neste Natal, o Bukowski resolveu **dar uma ajudinha** para quem quer estender as comemorações. A partir da meia-noite do dia 24 e até às 3h do dia 25, duas vans do bar passarão por pontos estratégicos da cidade, levando os mais animados para curtir uma noite natalina de muito rock - e algumas doses. A van é gratuita. [PB, Jornal online, [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)]*

A partir da observação dos exemplos de 1 a 4 apresentados anteriormente, percebemos que as construções “dar um empurrãozinho”, “dar uma forcinha”, “dar uma mãozinha” e “dar uma ajudinha” parecem ter semelhanças não só no nível semântico, sendo equivalentes a “ajudar”, mas também em sua estrutura e em outros aspectos formais e funcionais. Desse modo, em função da possibilidade de alternância, de intercambialidade entre essas expressões, buscamos averiguar, com os testes psicolinguísticos, como usuários da língua enxergam tais construções; se, de igual modo, também veem a possibilidade de variação.

Ao optarmos pela metodologia de pesquisa experimental psicolinguística (FASOLD, 1987; GONZALEZ-MARQUEZ, 2006; DRAGER, 2015, 2018), temos a finalidade de observar, segundo técnicas e testes de avaliação subjetiva do tipo *offline*, a avaliação subjetiva, o comportamento linguístico de usuários do português do Brasil acerca da variação desses complexos verbo-nominais. Com isso, esperamos reunir subsídios sobre os pareamentos forma-função (construção). Tencionamos verificar se os informantes, ao analisarem os contextos disponibilizados, reconhecem sentidos semelhantes semântica e pragmaticamente, embora o “Princípio da não sinonímia”, proposto por Bolinger (1968) e referido por Goldberg (1995, p. 67-68) preveja que, “se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas”.

Assim, objetivamos observar se usuários da língua detectam, de fato, formas diferentes para função semelhante, se identificam certas estruturas convivendo ou competindo (com uma das formas ganhando mais espaço) e se reconhecem a variação por analogia e por polissemia. Dessa forma, analisamos como se dá a percepção mediada por avaliação subjetiva de usuários da língua acerca dessas construções acerca da possibilidade (ou não) de alternância entre os padrões construcionais nos diversos contextos/situações.

Hipotetizamos que os participantes dos testes de avaliação subjetiva irão reconhecer a influência de aspectos do contexto estritamente linguístico e do contexto semântico, discursivo e pragmático na marcação dos diversos valores das perífrases, associando essas construções não só ao valor aspectual pontual, mas, principalmente (e mais produtivamente), à indicação de uma atitude de polidez, à perspectiva intersubjetiva, ao valor modal (convencionalizado).

Assim, consideramos orientações da Psicolinguística no que se refere à confecção de testes experimentais. Entendemos, com base em Esteves (2008), “atitude” como “um estado mental de predisposição em relação a formas/estruturas linguísticas em um sistema, que lhes pode ser favorável, desfavorável ou, ainda, neutro, que pode ser relativamente estável e que pode ter origem em comportamentos coletivos”. Segundo Rodrigues, Assmar e Jablonski (2018, p. 161), “podemos definir atitude social como uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto”. Para Lent (2010, p. 612-613), a percepção:

*para os seres humanos, é a capacidade de associar as informações sensoriais à memória e à cognição, de modo a formar conceitos sobre o mundo e sobre nós mesmos e orientar o nosso comportamento. Isso significa duas coisas: primeiro, que a percepção é dependente mas diferente dos sentidos, isto é, tem um “algo mais” que a torna uma experiência mental particular; segundo, que ela envolve processos complexos ligados à memória, à cognição e ao comportamento (LENT, 2010, p. 612-613).*

Desse modo, entendemos que a atitude do usuário da língua pode ser de rejeição, de aceitação ou, ainda, neutra. Já a avaliação subjetiva tem relação com as crenças, conhecimentos, opiniões e ideologias do indivíduo. Por fim, a percepção é algo instantâneo, tem relação com os sentidos humanos. A apreensão (sempre parcial) do processamento ou da percepção linguística se dá em metodologia online e não se circunscreve, apenas, à linguagem verbal. Há uma série de estímulos distratores<sup>11</sup> não só linguísticos, mas também não linguísticos (internos ou externos ao indivíduo) que

---

11 “Sabemos, a partir da experiência de cada dia, que não apenas tarefas-alvo, mas também informação distratora influencia nosso desempenho. Ela é processada até certo ponto; às vezes, fornece informações adicionais que podem ser úteis para a obtenção do que se tem como meta. A natureza exata dos processos cerebrais que ocorrem para lidar com detalhes importantes da tarefa-alvo em uma magnitude esmagadora de distração ainda é altamente debatida” (PRIESTER, L. D. & WISWEDE, D., 2018).

podem influenciar na atenção e na percepção<sup>12</sup> e essas interferências podem ser significativas ou não.

Dentre os elementos externos ao participante que podem interferir, podemos citar os seguintes: (i) tarefa com alta demanda atencional; (ii) “material” demasiadamente extenso da atividade experimental; (iii) ambiente (elementos visuais e auditivos); (iv) interação social; e (v) grau de “atratividade” do objeto de atenção. Como elementos internos ao participante que podem interferir em sua percepção, podemos fazer menção aos que seguem: (i) grau de familiaridade com a tarefa a ser realizada e com os elementos linguísticos em questão; (ii) emocional; (iii) fadiga; (iv) preocupação ou estresse; (v) devaneios; (vi) fome; e (vii) falta de interesse. Assim, entendemos não ser possível captar a percepção por meio de teste *offline*, mas somente através de testes online. Então, dizemos que os testes aqui propostos buscam captar a percepção mediada por avaliação subjetiva, uma vez que passam por algum tipo de avaliação/reflexão com base nas categorias com que o pesquisador formula os testes.

No que diz respeito aos materiais para a análise da avaliação subjetiva de usuários do português do Brasil acerca dos complexos verbo-nominais em estudo, contamos com seis testes, no formato de questionários, voltados para a pesquisa experimental de usos detectados no comportamento linguístico observado em textos, montados em arquivo *word* e adaptados para serem aplicados pela plataforma online *Google Forms*. O objetivo dos experimentos consiste, de modo geral, em fazer previsões comportamentais sobre a avaliação subjetiva dos usos apresentados ao participante de pesquisa, de modo a captar a realidade psicológica do falante nativo, isto é:

*Testar empiricamente algum tipo de previsão acerca do comportamento linguístico a ser manifestado por um sujeito (o participante da tarefa), inserido numa situação controlada pelo experimentador, na qual se procura verificar se certas variáveis independentes – isto é, variáveis controladas pelo pesquisador – podem estar relacionadas a alguma variável dependente – isto é, uma variável de resposta, um comportamento (ABRAÇADO; KENEDY, 2014, p. 31)*

Baseando-nos na leitura da Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016, sobre ética na área de humanas, a proposta de projeto de pesquisa experimental contendo todos os seis modelos de testes desse estudo deve ser submetida ao CEP/CONEP (Conselho Nacional de Ética na Pesquisa) da UFRJ para avaliação do Comitê de Ética. Com a aprovação do conselho, legitimamos a segurança, o bem-estar físico e emocional, o anonimato e todos os direitos dos sujeitos participantes das tarefas.

---

12 Trabalho desenvolvido e apresentado por Eliete F. Batista, Marcia dos S. Machado Vieira, Mara P. Mariano, Pâmela F. Travassos, Silvia C. Souza e Nahendi A. Mota no evento 2º Seminário do PEUL 2019 (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua): *Variação, Mudança e Gêneros Textuais-Discursivos em Foco*. Título da apresentação: “Estímulos distratores em design de pesquisa experimental off-line”.

A abordagem metodológica da experimentação complementa a metodologia de análise de *corpora*. A operacionalização da primeira será desenvolvida a seguir. Tendo em vista que o método científico é caracterizado, essencialmente, pela transparência, é necessário o fornecimento de cada passo dado, de cada procedimento feito e de cada decisão tomada na formulação e na estruturação dos testes de atitude linguística. Segundo Gonzalez-Marquez, Becker e Cutting (2007, p. 59),

*what sets science apart is its dependence on intersubjective verification, the possibility that knowledge can be empirically tested by different researchers. The Scientific Method, in general terms, is an intellectual framework geared at generating the most reliable findings possible as well as at facilitating their verification.*

Assim, ao descrevermos o passo a passo dos procedimentos utilizados, estamos possibilitando que novas pesquisas verifiquem/testem os resultados e as descobertas empíricas e, então, possam modificar o que for necessário em estudos futuros com objetivos diversos. Além disso, temos acesso a detalhes de como as hipóteses foram testadas.

Tendo por base elementos essenciais da pesquisa psicolinguística, para a observação de impressões, de opiniões, de atitudes, de interpretações e de percepções mediadas por avaliações subjetivas de usuários da língua portuguesa (variedade brasileira) acerca da variação entre construções com verbo suporte DAR, foram formulados seis testes. Optamos por confeccionar *designs* de pesquisa experimental diferentes, mesmo que o objetivo principal, em todos eles, seja a observação da variação, pensando na possibilidade de algum fator externo ou interno, em algum deles, poder influenciar/enviesar as respostas e, assim, os outros experimentos poderiam reiterar ou não os resultados uns dos outros. E, então, é importante que os resultados (as respostas dos informantes) sejam trabalhados em função de uma análise quantitativa e qualitativa. Os testes de atitude linguística foram confeccionados tendo em vista os objetivos e hipóteses de pesquisa. Assim, atentamos para o tipo de teste, o método, a técnica, o perfil ideal dos participantes, o ambiente de aplicação, o aparato tecnológico e o procedimento a ser utilizado.

Em todos os testes, optamos pela técnica experimental de medida *offline* (método indireto, não cronométrico), de modo que não haja contabilização do tempo de resposta, pois, assim, o informante pode refletir conscientemente sobre a própria língua pelo tempo que achar necessário, bem como sobre as possibilidades mais prováveis de uso em função de sua experiência prévia com a frequência estatística de percepção do fenômeno nos ambientes em que circula. Desse modo, temos acesso aos resultados do processamento linguístico após sua ocorrência.

A técnica usada foi a de questionários, com apresentação de material/formulário. As sentenças-estímulos dos experimentos 1, 2, 3 e 4 são trechos selecionados com dados do acervo do jornal O Globo, já coletados para a formação do *corpus*. Já as ta-

refas experimentais 2.1 e 2.2 são desdobramentos do teste 2 (formato semelhante e sentenças-estímulos semelhantes) que contam também com sentenças que funcionam como distratores. Esses elementos distratores foram acrescentados nesses testes de modo que pudessemos verificar se a “não consciência” do fenômeno linguístico em foco exerceria alguma influência nas respostas.

Ademais, com relação ao tipo de teste, optamos, em todos eles, pelo de autoavaliação. Nesse sentido, a metodologia empregada é introspeccionista, uma vez que são utilizados “julgamentos metalinguísticos extraídos de uma pessoa em particular de modo a identificar a impressão de estranhamento ou de normalidade que determinados estímulos linguísticos podem provocar” (KENEDY, 2015, p. 144). Assim, o indivíduo apresenta a opção que mais lhe convém naquele contexto determinado, pensando em qual seria a opção que escolheria para usar na situação especificada, bem como o motivo dessa escolha (intuitiva). Além disso, também podemos avaliar o quanto o sujeito aceita ou rejeita determinada forma, quais construções ele reconhece, bem como podemos observar comentários relacionados à multifuncionalidade dessas expressões.

Previamente ao enunciado de cada experimento psicolinguístico, há um pequeno cabeçalho, igual em todos eles, com as seguintes sentenças: “*Gostaríamos de contar com sua participação **voluntária** nesse estudo que tem o propósito de mapear a nossa linguagem a partir das percepções de diferentes falantes. Atenção! **Não há** respostas certas ou erradas. **Siga sua intuição**. Queremos **sua opinião**.” Assim, deixamos evidente que a participação no teste é voluntária, ou seja, sem retorno monetário ou de outra natureza beneficente para o informante. O propósito da pesquisa é explicitado de maneira geral, sem termos técnicos que pudessem intimidar os respondentes ou influenciar nas suas respostas. Além disso, fizemos questão de frisar o fato de que não há respostas certas ou erradas; o que se deseja é apenas conhecer a opinião do indivíduo, de modo que ele responda seguindo sua intuição, sem precisar voltar atrás na primeira resposta que lhe ocorreu. Embora os testes de atitude linguística tenham esse nome, preferimos não fazer referência ao termo “teste”, pois essa palavra remete a um momento tenso de avaliação já previamente estabelecido no conhecimento enciclopédico dos indivíduos, que remonta às provas escolares com respostas certas e respostas erradas que devem ser corrigidas. Haveria, pois, nesse sentido, uma preocupação com o julgamento do outro acerca da própria opinião e dos próprios usos. Então, preferimos não utilizar esse conceito na estruturação dos formulários.*

Ao final de cada experimento psicolinguístico, há a pergunta “Autoriza-nos a contar com sua participação?” para o informante expor claramente sua autorização de participação (formulário de consentimento livre e esclarecido) na pesquisa, de modo que os pesquisadores possam contabilizar e analisar sua opinião emitida no decorrer das respostas do teste (ou não). As respostas são anônimas, não há, portanto, a solicitação de identificação com nome pessoal. Em seguida, há um espaço destinado a sugestões e/ou a críticas em relação à tarefa experimental, com o seguinte enunciado: “Se desejar, anote aqui sua sugestão e/ou crítica em relação a esta consulta.” O preenchimento desse espaço é facultativo e, nele, poderá conter impressões e/ou reclama-

ções dos participantes, as quais podem ser utilizadas para reformulações futuras das pesquisas.

Depois, são solicitadas algumas informações, como idade, sexo/gênero, nível de escolaridade (já concluído) e se possui formação na área de Letras, para se traçar o perfil social dos participantes. Esses dados devem ser coletados e analisados quantitativamente e qualitativamente, para que possamos observar, atentamente, possíveis influências dessas informações sociais no uso de formas alternativas com sentidos aproximados (variação). Com relação ao sexo/gênero, é importante ressaltar que não estamos fazendo distinção entre os dois constructos. Além disso, tanto na indicação da informação sexo/gênero quanto na de nível de escolaridade, disponibilizamos a opção “outro”, que englobaria outras possibilidades não presentes nas já previstas. A pergunta acerca da formação em Letras foi empregada, pois serão descartadas as respostas daqueles que tiverem tal formação, por já possuírem um conhecimento bem sedimentado sobre fenômenos da língua, o que poderia enviesar os resultados da pesquisa. Contaremos apenas com participantes “ingênuos” (não especialistas), isto é, sem conhecimentos da área de linguística.

Por fim, há um agradecimento pela participação: *“Obrigada por colaborar com nossa pesquisa! Grupo de estudos PREDICAR (UFRJ)”*. Optamos por dispor o nome do grupo de estudos, bem como o nome da instituição ao final do teste e não no início para não intimidar o informante com um grau de formalidade grande ao especificar a UFRJ, instituição de grande renome, a palavra “estudos”, que remete a uma atenção/monitoração maior, bem como o nome do grupo: “Predicar”, cujo significado poderia não ser de conhecimento de todos. Evitamos, portanto, o uso de metalinguagem e demos preferência a modelos de testes com linguagem simples, objetiva e clara. A demanda de informações pessoais dos participantes, bem como o agradecimento final seguiu o seguinte modelo:

Preencha os seguintes dados sobre você:

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO/GÊNERO: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro

NÍVEL DE ESCOLARIDADE (já concluído):

( ) Fundamental ( ) Médio ( ) Superior ( ) Especialização ( ) Mestrado

( ) Doutorado

( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

-----  
TEM FORMAÇÃO EM LETRAS? ( ) Sim ( ) Não

Obrigada por colaborar com nossa pesquisa!

**Grupo de estudos PREDICAR (UFRJ)**

A confecção e a aplicação dos testes podem ocorrer por meio virtual, através da plataforma online de formulários *Google Forms*. Então, será necessário que os participantes tenham acesso à internet. Por um lado, com relação ao ambiente de resposta, não será possível ter controle de possíveis fatores que possam distrair os participantes da tarefa no momento de sua realização, uma vez que cada pessoa realizará a pesquisa em um ambiente diferente. Porém, por outro lado, também não haverá interferência de abordagem, pois não há uma pessoa específica que entrará em contato diretamente com os indivíduos, uma vez que haverá apenas o contato direto com a tela do computador.

Os sujeitos que respondem os testes podem ter perfil diverso e ser de ambientes variados. É importante buscarmos ter a mesma quantidade de pessoas para responder cada um dos experimentos, partindo da quantidade mínima de dez participantes por tarefa experimental (totalizando 60 informantes) e, assim, mantendo um equilíbrio na amostra. Sujeitos que tiverem formação em Letras podem ser excluídos, por já possuírem conhecimento, ainda que mínimo, sobre a temática. No que diz respeito à distribuição dos participantes, pode ser utilizada a abordagem “*between subjects*”,<sup>13</sup> na qual cada participante é exposto a apenas uma condição experimental, isto é, cada pessoa irá responder a somente um modelo de teste.

Com esses dados, tencionamos observar se há tendências predominantes de uso e de escolhas (intuitivas) de formas linguísticas em função da região e de outras informações sociais (idade, sexo/gênero, nível de escolaridade e se possui formação em Letras) e textuais (gênero textual); ou seja, se há indícios de variação por influência de fatores extralinguísticos. Ademais, objetivamos investigar se usuários da língua percebem (ou não) divergências funcionais entre as diferentes perífrases verbo-nominais ou entre estas e predicadores verbais simples (cognatos ou não); se percebem uma forma convivendo ou competindo com outra e também se tendem a associar as construções em jogo às noções de aspectualidade, modalidade e intersubjetividade.

Acreditamos que, com relação à análise das variáveis linguísticas, os resultados apontarão para a reiteração dos valores predominantes (aspectualidade, modalidade e intersubjetividade) indicados pelas construções complexas (cf. resultados presentes em TRAVASSOS, 2019), principalmente, com a marcação de modalidade. Esses valores, majoritariamente, não são alcançados pelas construções verbais simples somente. Portanto, nesse caso, haveria indícios de variação por competição, com as construções com verbo suporte ganhando mais espaço para melhor indicação desses valores específicos.

Baseamo-nos na hipótese de que há variação por convivência e por competição não só entre predicadores complexos entre si, mas também entre estes e predicadores simples. Com relação ao tipo de predicador verbo-nominal em função do X-afixo, acreditamos que aquele formado pelo esquema [DAR (uma) X-adela]<sub>predicador complexo</sub> será percebido e avaliado como diferente dos demais, uma vez que, intuitivamente, como usuários da língua, acreditamos que eles sejam pouco frequentes no português do Brasil atual.

---

13 “entre participantes ou interparticipantes” (tradução nossa).



No que se refere à análise das variáveis extralinguísticas, hipotetizamos que não haverá qualquer tipo de influência determinante das seguintes informações relacionadas ao informante: nível de escolaridade, sexo/gênero e idade. A informação da formação em Letras serve à finalidade de excluir as respostas dos participantes que tiverem essa formação, por poder enviesar os resultados, uma vez que podem possuir conhecimento consciente, já estabelecido/sistematizado sobre o fenômeno em estudo. Por fim, com relação ao gênero textual, acreditamos que haverá mais dados no gênero notícia, por ser o gênero mais comum do domínio jornalístico.

O teste 1 foi pensado de modo que pudéssemos verificar se usuários da língua associariam formas diferentes a um mesmo significado (semântico, discursivo, pragmático, cognitivo, social) no mesmo contexto, isto é, se há variação por convivência, situação em que formas seriam escolhidas como semelhantes, em harmonia, sem a percepção de quaisquer diferenças funcionais entre elas ou por competição, caso em que uma ou mais opção(ões) ganharia(m) destaque na escolha intuitiva pelo uso, uma vez que indicaria(m) melhor um determinado valor.

Nesse experimento psicolinguístico, estamos nos referindo a formas diferentes àquelas construções com verbo suporte *DAR* com a mesma base X do elemento não verbal, mas com mais de um sufixo. Com base nesse critério, selecionamos, no *corpus* dados que funcionariam como sentenças-estímulos que possuísem instanciações de construções com a mesma base, mas com sufixos diferentes. Desse modo, constituímos quatro grupos formados, cada um, por dados que, no contexto original, eram formados por perífrases verbo-nominais com configurações formais diferentes. Então, organizamos os quatro grupos dessa forma: (i) “dar uma escapada”, “dar uma escapadinha” e “dar uma escapadela”; (ii) “dar uma olhada”, “dar uma olhadinha” e “dar uma olhadela”; (iii) “dar uma espiada”, “dar uma espiadinha” e “dar uma espiadela”; e (iv) “dar risada”, “dar uma risadinha” e “dar um risinho”, resultando em um total de doze sentenças-estímulos. Assim, para esse experimento, optamos por não utilizar estímulos distratores, de forma que o informante tivesse consciência do fenômeno em foco e, desse modo, pudesse refletir sobre ele. Ademais, preocupamo-nos com o tamanho do teste, o qual teria sua extensão bem maior se tivesse distratores, o que poderia comprometer a atenção do indivíduo, ao deixá-lo “fatigado” com a tarefa.

O comando do teste era o seguinte: “Marque, com X, a resposta que se relaciona, com maior precisão de significado, a cada situação. Se achar que mais de uma alternativa é possível, assinale mais de uma.”. O questionário é, em parte, fechado, pois apresenta opções (a, b, c e d) no modelo de múltipla-escolha para preenchimento de lacuna em cada uma das doze situações. Caso o informante achasse que nenhuma das alternativas seria adequada ou, ainda, se encontrasse outra opção não disponível previamente, poderia escrever em qual resposta pensou no espaço destinado a essa possibilidade (“Outra opção? Qual?”).

Em seguida, no caso de a pessoa ter marcado mais de uma opção, teria de indicar, na escala de parentesco de significado (esquema de categorização/diferenciação no modelo de escala psicométrica Likert – com base em LIKERT, 1932), o quão parecidas são as construções selecionadas (“totalmente”, “muito”, “mais ou menos”, “pouco” ou

“nada”). Tal escala foi pensada de modo que houvesse uma simetria contrastiva em lados opostos (“totalmente” x “nada”; “muito” x “pouco” e “mais ou menos” no centro). Além disso, a paleta de cores gradientes reforça o grau indicado, ou seja, “totalmente” (preto), “nada” (branco), “muito” (cinza escuro), “pouco” (cinza claro) e “mais ou menos” (cinza médio). Dessa maneira, podemos captar, em um *continuum*, a intensidade da opinião, da avaliação subjetiva e do comportamento do respondente, levando em conta as nuances possíveis entre os extremos. O ponto central da escala indica neutralidade ou indecisão.

Acreditamos que os informantes irão indicar, predominantemente, as duas primeiras alternativas (com os sufixos -ada e -adinha) como “totalmente parecidas” ou “muito parecidas” e as duas últimas opções (com os sufixos -adela e -adelazinha) como “mais ou menos parecidas” em relação às outras, porque acreditamos, com base na introspecção/intuição e na experiência de usuário da língua (e de pesquisador), que estas últimas opções são menos frequentes de modo geral. Abaixo da escala de parentesco de significado, disponibilizamos um espaço para o informante justificar, se possível, a(s) escolha(s) intuitiva(s) feita(s). Assim, embora o questionário apresentasse uma parte fechada, também havia essa parte aberta, em que era possível apresentar a opinião. Seguem os primeiros comandos do teste 1 (primeira sentença-estímulo) a título de ilustração:

1) Os motivos geralmente envolvem alguma necessidade de mentir ou enganar alguém, seja para matar o trabalho, desmarcar um encontro ou \_\_\_\_\_ da vigilância do marido ou namorado.

- a) ( ) dar uma escapada
- b) ( ) dar uma escapadinha
- c) ( ) dar uma escapadela
- d) ( ) dar uma escapadelazinha

Outra opção? Qual? \_\_\_\_\_

Se marcou mais de uma alternativa, indique, na tabela abaixo, como se apresentam (DE ACORDO COM O SIGNIFICADO). Basta usar as letras que correspondem às respostas.

TOTALMENTE parecidas	MUITO parecidas	MAIS OU MENOS parecidas	POUCO parecidas	NADA parecidas

Justificativa: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Já o enunciado do teste 2 era o seguinte: “Substitua a forma em negrito por outra(s) que exprima(m) sentido equivalente/parecido. Se acredita que não há forma com sentido equivalente/parecido, marque a opção correspondente.”. Assim, deixamos em aberto para que a pessoa completasse com a(s) forma(s) que achasse que possuía(m) o mesmo significado (ou parecido) da construção com verbo suporte em negrito. Portanto, esse questionário é do tipo aberto, pois não há opções fechadas/obrigatórias, o informante pode apresentar livremente sua opinião. Além disso, embora não haja espaço para justificativa da escolha intuitiva logo embaixo de cada situação, há um espaço para “Comentário(s)/Justificativa(s)” ao final do teste caso o informante queira se expressar melhor sobre as opções feitas nos diversos contextos. Ademais, optamos por pôr, no experimento 2, sentenças-estímulos diferentes daquelas utilizadas no teste 1, a fim de observar a maior variedade de dados possível. A seguir, para ilustrar, há a primeira situação do teste 2:

Situação	Forma(s) com sentido equivalente
1) Antes de fechar os olhos, dou uma olhadela nas primeiras páginas do livro de Sá Pereira.	1)
	Não há ( )

Na tarefa experimental 2, também buscamos analisar o ponto de vista de informantes/usuários da língua sobre a possibilidade de haver ou não a alternância de estruturas com perífrase verbo-nominal. No entanto, nesse teste, na seleção das sentenças-estímulos, diferentemente do teste 1, consideramos como formas diferentes aquelas construções com verbo suporte, cuja base X do elemento não verbal era diferente. Com esse pensamento em mente, buscamos, no *corpus*, sentenças com perífrases verbo-nominais com base X diferentes, mas que, a nosso ver, revelavam valores alinhados. Queríamos, portanto, verificar se a avaliação subjetiva dos respondentes estava de acordo com a nossa. Acreditamos que os dados apontarão para um resultado positivo com relação à hipótese postulada, ou seja, cremos que os participantes do experimento também irão reconhecer a variação (principalmente, a variação estável ou variação por convivência) como um fato linguístico ligado ao fenômeno em estudo, com o reconhecimento de que estruturas diferentes podem representar o mesmo valor, estando no mesmo contexto semântico, discurso, pragmático, cognitivo, social.

Então, selecionamos usos de construções que formaram quatro grupos de formas: (i) “dar uma dormidinha” e “dar uma cochiladinha”; (ii) “dar uma olhadela” e “dar uma espiadela”; (iii) “dar uma saidinha”, “dar uma fugidinha”, “dar uma voltinha”, “dar uma esticadinha” e “dar uma escapadinha”; e (iv) “dar um empurrãozinho”, “dar uma forcinha”, “dar uma mãozinha” e “dar uma ajudinha”. Acreditamos que os dois primeiros grupos de formas, nos seus contextos específicos, estão a serviço, predominantemente, da indicação de aspecto não durativo, com significados, respectivamente, de “dormir brevemente” e “olhar rapidamente/superficialmente”. Ademais, associamos os dois últimos grupos ao valor modal, com significados, respectivamente e predominantemente, de “passar” e “ajudar”, com ênfase intersubjetiva. Sendo assim, imaginamos que os respondentes associarão a outras construções verbais complexas (ou simples) sentidos semelhantes a esses.

A ordem com que as instanciações dessas construções foram dispostas no teste foi aleatória/misturada. Desse modo, formas com sentidos aproximados (de acordo com nossa percepção, aquelas que pertenciam a cada um dos quatro grupos) não ficaram imediatamente antes ou depois uma da outra. Assim, acreditamos evitar que o informante utilize a forma anterior como resposta para a sentença posterior. Optamos por não utilizar estímulos distratores nesse teste, de modo que o informante tenha consciência do fenômeno linguístico em jogo.

Os testes seguintes são desdobramentos do teste 2, apresentado anteriormente, e se diferenciam deste, na medida que apresentam estímulos distratores. Caso tivéssemos acrescentado todos os distratores somente no teste 2, ele ficaria com uma extensão muito grande, o que poderia comprometer a atenção e a disposição dos participantes ao respondê-lo. Sendo assim, decidimos desmembrá-lo em dois, utilizando, aproximadamente, a metade (sete) das sentenças-estímulos do teste 2 em um (2.1) e, aproximadamente, a outra metade (seis) em outro (2.2).

Então, o teste 2.1 contemplou instanciações das seguintes construções, agrupadas, a seguir, de acordo com o valor/sentido predominante (de acordo com a nossa intuição, que buscamos confirmar com a avaliação subjetiva dos informantes): (i) “dar uma saidinha”, “dar uma fugidinha”, “dar uma voltinha” (valor modal e sentido de “passear”); (ii) “dar uma olhadela” (valor aspectual não durativo e sentido de “olhar brevemente”); (iii) “dar uma dormidinha” (valor aspectual não durativo e sentido de “dormir brevemente”); e (iv) “dar um empurrãozinho” e “dar uma forcinha” (valor modal e sentido de “ajudar”). Já o teste 2.2 englobou as seguintes: (i) “dar uma mãozinha”, “dar uma ajudinha” (valor modal e sentido de “ajudar”); (ii) “dar uma esticadinha” e “dar uma escapadinha” (valor modal e sentido de “passear”); (iii) “dar uma espiadela” (valor aspectual não durativo e sentido de “olhar brevemente”); e (iv) “dar uma cochiladinha” (valor aspectual não durativo e sentido de “dormir brevemente”).

Mantivemos exatamente a mesma estrutura de questionário aberto, com o mesmo cabeçalho, enunciado, espaço para “Comentário(s)/Justificativa(s)”, espaço para sugestão e/ou crítica, solicitação das mesmas informações sociais e encerramento do teste 2. Os estímulos distratores são provenientes do *Google* e possuem natureza linguística (pertencente ao mesmo nível linguístico do fenômeno na tarefa-alvo): metade (quatro) focaliza predicador verbal simples e a outra metade (quatro) enfatiza adjetivo adverbializado, totalizando oito estímulos distratores em cada experimento. Assim, essa quantidade de distratores foi selecionada para cada tarefa experimental, tendo em vista o objetivo de distrair os participantes, sem perder de vista o quão “cansativo” poderia ficar. A nosso ver, ter uma quantidade um pouco maior (uma sentença, no teste 2.1, ou duas, no teste 2.2) do que a quantidade de sentenças-alvos/estímulos seria o ideal para alcançarmos um equilíbrio dos prós e contras relacionados à quantidade/qualidade da pesquisa.

O teste 2.1 apresentou um total de quinze situações/contextos, enquanto o teste 2.2 apresentou catorze. Os distratores foram usados, de modo que os participantes não tivessem consciência de qual objeto de estudo linguístico, marcado em negrito em cada situação, realmente estava sob estudo (se predicador verbal simples, se predica-

dor verbal complexo, se adjetivo adverbializado). Assim, seria mais difícil para o participante identificar padrões de recorrência e, então, conseguimos evitar respostas automáticas/viciadas. A ordem de disposição das sentenças na pesquisa foi randomizada, misturando os três fenômenos em jogo.

Desse modo, objetivamos verificar se haveria diferença nas respostas em função da consciência ou não do fenômeno linguístico em questão. Hipotetizamos que, no teste 2 (sem distratores), haja mais respostas com predicadores complexos, por influência das situações do entorno (cada um dos contextos da pesquisa de opinião, tendo a construção com verbo suporte em destaque: -negrito e sublinhada-), enquanto, nos testes 2.1 e 2.2 (com distratores), haja respostas variadas, contemplando não só predicador complexo, mas também predicador simples em quantidade maior do que a esperada no teste 2. A seguir, podemos observar as primeiras sentenças dos testes 2.1 e 2.2, respectivamente, como exemplo de suas estruturas:

Situação	Forma(s) com sentido equivalente
1) “Falem baixo, por favor”, João Gilberto morreu. O “maior artista de todos” deixou-nos no sábado e as influências são confessadas por muitos.	1)
	Não há ( )
2) Antes de fechar os olhos, dou uma olhadela nas primeiras páginas do livro de Sá Pereira.	2)
	Não há ( )
3) O ex-ministro José Dirceu está na capa da revista Veja desta semana, que também destaca o julgamento do mensalão. A reportagem revela que ele chegou a pensar em fugir do país.	3)
	Não há ( )
Situação	Forma(s) com sentido equivalente
1) Fique calmo e responda tudo o que te perguntarem. Em seguida, você será liberado e basta ir na direção indicada pelas placas até chegar à área de retirada de bagagens. Procure em qual esteira foram colocadas as malas do seu voo e aguarde a sua.	1)
	Não há ( )
2) Enquanto Cláudia dá entrevistas, sua mãe remexe antigas fotografias da filha. Aos 8 anos, aos 13, na hora do embarque, aos 15 anos em traje de debutante e as várias fotos já como profissional. Está feliz. E apesar de continuar morando em Campinas, quando a filha está no sufoco, corre para dar uma mãozinha.	2)
	Não há ( )
3) É possível que, em algum momento teve a tentação de espiar o WhatsApp seu cônjuge ou de seus filhos, mas você sabia que se você fizer isso, você pode estar cometendo um crime?	3)
	Não há ( )
4) Neste fim de semana, quando você for visitar o Barra Shopping, dê uma esticadinha até Santa Monica e conheça o outro grande sucesso da Barra. Um bairro planejado para o novo estilo de viver que surge na cidade.	4)
	Não há ( )

5) "Algumas pessoas tímidas, retraídas, podem não se sentir confortáveis em uma situação social, não ser boas oradoras, falar baixo demais". Muitas pessoas que falam baixo ou gostam de resmungar, psicologicamente, não são capazes de projetar suas vozes alto o suficiente.	5) Não há ( )
---	------------------

Ao observarmos os textos completos (do *corpus*) dos quais retiramos trechos com dados de construções com verbo suporte, verificamos que, nas sentenças originais, por vezes, havia alternância entre predicadores verbais simples e predicadores verbais complexos no mesmo contexto. Assim, para a construção do teste psicolinguístico 3, selecionamos (dos textos originais) seis trechos, nos quais havia as seguintes construções simples e complexas no mesmo contexto: (i) "piscar" e "dar uma piscadela"; (ii) "dar uma arrumadinha" e "arrumar"; (iii) "dar uma pedalada" e "pedalar"; (iv) "engrossar" e "dar uma engrossada"; (v) "dar uma lavadinha" e "lavar"; e (vi) "dar uma saidinha" e "sair". Os usos selecionados para esse teste foram diferentes daqueles que formaram as sentenças-estímulos dos testes anteriores (1, 2, 2.1 e 2.2). Essa escolha foi feita para que pudéssemos ampliar nosso escopo de análise da variação baseada em usos concretos diversos da língua.

Na confecção da tarefa experimental, no lugar dessas expressões, deixamos disponíveis quatro opções (a, b, c e/ou d) para que o informante marcasse a(s) forma(s) que acha possível/eis nesse contexto, em função do sentido que apresenta(m). O respondente poderia marcar mais de uma opção ou, ainda, todas, caso achasse possível, como o comando do teste prevê: "Marque, com X, a resposta que se relaciona, com maior precisão de significado, a cada situação. Se achar que mais de uma alternativa é possível, assinale mais de uma.". Três das opções consistiam em predicadores complexos com sufixos diferentes (-ada, -adinha e -adela) e a quarta opção correspondia a um predicador verbal simples cognato. Por exemplo, na primeira situação do experimento, as opções para cada "lacuna" são "(a) dar uma piscada (b) dar uma piscadinha (c) dar uma piscadela (d) piscar", como podemos observar a seguir:

1) Além de terem que ficar pelo menos 24 horas sem um cochilo, os quatro participantes não vão poder nem **(a) dar uma piscada (b) dar uma piscadinha (c) dar uma piscadela (d) piscar**. Aquele que conseguir ficar mais tempo sem **(a) dar uma piscada (b) dar uma piscadinha (c) dar uma piscadela (d) piscar**, vence a prova.

Outra opção? Qual? \_\_\_\_\_

**Justificativa** (se possível, diga o motivo que o levou a marcar a(s) opção/opções que escolheu OU diga por que não marcou as outras): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Algumas sentenças sofreram pequenas adaptações, de modo que pudessem se adequar às possíveis escolhas intuitivas do respondente. Como no segundo contexto do teste, por exemplo: “(...) a) dar uma arrumada b) dar uma arrumadinha c) dar uma arrumadela d) arrumar **(n)a** casa sem música é tipo o Ôh (...)”, em que colocamos “(n) a”, prevendo ou não o uso da preposição no complemento em função da marcação de predicador simples ou complexo. O questionário pode ser considerado do tipo aberto, pois, embora apresente opções de múltipla-escolha, não se restringe a elas, nem obriga o participante a escolher uma das alternativas previstas, uma vez que apresenta espaço para que explicita outra opção que tenha pensado e que não esteja contemplada anteriormente. Ademais, há também um espaço para justificar sua(s) escolha(s) intuitiva(s), caso queira apresentar sua opinião. Optamos por não apresentar estímulos distratores nesse teste para que tivéssemos acesso à reflexão explícita do usuário da língua sobre o uso da construção em foco.

O objetivo do teste 3 é verificar se usuários da língua sinalizam a possibilidade de marcação de formas diferentes para funcionalidades alinhadas, focalizando, principalmente, a variação entre esses dois tipos de predicadores (simples e complexos), como aparecem nos contextos originais, mas sem desconsiderar a variação só entre predicadores complexos ou só entre predicadores simples entre si. Desse modo, poderemos comparar o uso com a avaliação subjetiva e, com as justificativas dos informantes, poderemos observar como se deu a reflexão sobre o próprio uso e sobre a própria língua. Além disso, tencionamos verificar se os respondentes associam mais fortemente as construções com verbo suporte a valores (como modalidade, (inter) subjetividade, aspecto não durativo) e efeitos de sentido específicos, não alcançados com a forma simples.

Acreditamos que os resultados serão compatíveis com a hipótese de que usuários do português do Brasil verão semelhanças funcionais entre as quatro opções fornecidas em cada “lacuna”, no entanto, considerando, especialmente, as perífrases verbo-nominais como “equivalentes” tanto em termos semânticos, quanto discursivos e pragmáticos na indicação de valores diversos. Sendo assim, tal percepção empírica contrariaria o Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995, p. 67), o qual prevê que construções com formas diferentes ou serão distintas no nível da semântica ou no da pragmática.

Para a construção do teste 4, utilizamos as mesmas situações do teste 3, porém, mantivemos as construções verbais simples e complexas tal como no contexto original (sem as alternativas, como no teste 3) e as colocamos em destaque (negrito e sublinhadas) para que os informantes pudessem expor sua opinião acerca do motivo pelo qual foram usadas formas diferentes em cada situação. Em seguida, perguntamos se o respondente percebia alguma diferença de sentido entre essas formas e, se sim, para dizer qual. Trata-se, portanto, de questionário do tipo aberto com respostas discursivas curtas. Devido à demanda de escrita que esse tarefa exige, optamos por não utilizar estímulos distratores, de modo que tivéssemos o fenômeno em estudo em foco na reflexão e atenção dos participantes, sem que houvesse um esforço cognitivo extra com os distratores. Esse experimento foi feito com o objetivo de analisar a reação, o

juízo inconsciente e a opinião de usuários do português do Brasil com relação à variação entre predicadores verbais simples e complexos em usos já dados. A hipótese para esse teste é a de que os informantes não verão distinções de sentido entre as formas. A seguir, há a primeira situação do teste 4, a título de ilustração:

***Leia, com atenção, cada uma das situações a seguir e responda às perguntas.***

1) Além de terem que ficar pelo menos 24 horas sem um cochilo, os quatro participantes não vão poder nem ***piscar***. Aquele que conseguir ficar mais tempo sem ***dar uma piscadela*** sequer vence a prova.

a) Por que motivo você acha que foram usadas formas diferentes (em negrito)?

---



---



---

b) Há diferença de sentido entre essas formas? Se houver, diga qual.

---



---



---

Com as respostas dos informantes registradas, podemos proceder à etapa seguinte de análise quantitativa/estatística dos dados dos testes que permitirem essa abordagem e análise qualitativa das respostas de todos os experimentos, à luz das orientações teóricas, a fim de observar se as previsões de pesquisa se cumpriram, descobrir a natureza dos mecanismos cognitivos/psicológicos por trás das percepções e mapear os perfis de comportamento linguístico.

## REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (orgs.). Nos meandros da experimentação. In: *Transitividade Traço a Traço*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, p. 29-37. 2014.
- BOLINGER, D. Entailment and the Meaning of Structures. *Glossa* 2(2). p. 119-27, 1968.
- DRAGER, K. *Linguistic Variation, Identity Construction and Cognition*. Berlin: Language Science Press. 2015.
- DRAGER, K. *Experimental Research Methods in Sociolinguistics*. London: Bloomsbury. 2018.
- ESTEVES, G. A. T. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização*



- desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado. 2008.
- FASOLD, R. *The Sociolinguistics of Society*. Vol. I. New York, USA: B. Blackwell. p. 147-179. 1987.
- GOLDBERG, A. E. 1995: *Constructions*. A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press.
- GONZALEZ-MARQUEZ, M. *et al. Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 2006.
- GONZALEZ-MARQUEZ, M.; BECKER, R. B. e CUTTING, J. E. *An introduction to experimental methods for language researchers*. p. 53-86. 2007.
- KENEDY, E. Psicolinguística na Descrição Gramatical. In: Maia, M. *et al.* (org.) *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, p. 143-155. 2015.
- LENT, R. *Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociência* (2. ed.). São Paulo, SP: Atheneu. 2010.
- LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*. n. 140, p. 44-53, 1932.
- RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. *Psicologia Social*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- TRAVASSOS, F. P. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.